



A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO MEIO DE INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Geissy dos Reis Cruz Costa; Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo; Elziane do Socorro Marques dos Santos.

Universidade do Estado do Amazonas –UEA/ Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP.geissyreisflor@hotmail.com, angelaf.uea@gmail.com, elzimorena@hotmail.com,

RESUMO:

O presente estudo é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso -TCC , que visa discorrer sobre a rotina na educação infantil como meio de inserção das crianças nas relações sociais. Tendo como objetivo compreender de que forma a organização da rotina na Educação Infantil pode se constituir como meio de inserção das crianças nas relações sociais. Refletir sobre a rotina na educação infantil é reconhecer que quando bem organizada e planejada possibilita às crianças vivenciarem experiências sociais e adquirirem novos conhecimentos, bem como permite situá-la na relação tempo-espaço. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na fenomenologia, estruturada como um estudo de caso. Os dados foram coletados por meio da observação direta com intuito de conhecer a especificidade do universo que se propõe investigar, assim como entrevista semi-estruturada que deram subsídios para a construção das análises interpretativas acerca das percepções enunciadas pelos sujeitos enfocados na pesquisa. O estudo foi sustentado pelos pressupostos teóricos de Kramer (2006), Campos & Rosemberg (2009), Proença (2004), e entre outros que versam sobre o tema, onde evidenciam a criança como um ser que age sobre o meio que a cerca de um jeito próprio. O percurso investigado demonstrou que, a rotina pode se constituir em oportunidade de inserção mais estável e segura para a criança que ingressa pela primeira vez na pré-escola, à medida que professor, diretor, familiares, e entre outros valorizam esse momento tão significativo na vida da criança no novo espaço de convivência, sentido definitivo que garante cuidar e educar de maneira integrada.

Palavras-chave: Organização da Rotina, Educação Infantil, Relações Sociais.

INTRODUÇÃO

A rotina na instituição de Educação Infantil é um elemento fundamental no desenvolvimento social da criança e na garantia de um ambiente acolhedor, para que possa vivenciar novas experiências em interação, algo indispensável na sua construção identitária.

Com base nesta relevância é que se respalda a intenção deste estudo acerca da “*A rotina na Educação Infantil como meio de inserção das crianças nas relações sociais*”, atendendo às perspectivas prévias que demandam a aproximação com o contexto da sala de aula das crianças que ingressam pela primeira vez na Educação Infantil, conhecer os sentimentos, percepções e relações sociais envolvidas nesse novo ambiente relacional no qual participa que é o contexto escolar.

O interesse por este estudo primeiramente se deu no contato inicial com a instituição de Educação Infantil partir das atividades de ensino com pesquisa, por ocasião da disciplina Criança, sociedade e cultura (5º período), posteriormente nas práticas de Estágio

(83) 3322.3222

Supervisionado (7º e 8º períodos) do Curso de Pedagogia. Nas ocasiões pudemos notar o quão conflituoso e tumultado é o primeiro dia de aula em uma turma de maternal.

Entre gritos, choros, fúrias, medos por parte de algumas crianças e a dificuldade de alguns professores para lidarem com este cenário fomos instigados a compreender um pouco mais sobre o ambiente que ora observávamos, assim como o universo daqueles pequenos. Nesse contexto nosso objetivo principal foi compreender de forma a organização da rotina na educação infantil pode se constituir um meio de inserção das crianças nas relações sociais, ou seja, como elas vão se inserindo neste ambiente diferenciado qualitativamente do familiar.

Visando o alargamento da compreensão do estudo, com o propósito de aprofundar as reflexões na Universidade, na educação básica e de modo geral na comunidade, presumimos que enquanto docente em formação do Curso de Licenciatura em Pedagogia conhecer como as crianças percebem e sentem esse momento, assim como a forma que vem sendo pensada a rotina na Educação Infantil, é uma importante pauta de discussão, a fim de que, a criança se sinta aceita, acolhida e inserida no contexto escolar.

Nessa perspectiva, contemplamos os seguintes objetivos específicos: verificar como é organizada e concretizada a rotina na educação infantil no momento em que as crianças têm os primeiros contatos com a pré-escola; identificar como vivenciam o cotidiano escolar, seus medos, anseios e as formas de interação com o professor e os colegas; analisar quais ações são facilitadoras ou dificultadoras das relações sociais das crianças no cotidiano da Educação Infantil.

Desse modo, a rotina na Educação Infantil se bem organizada pode se constituir em oportunidade de inserção das crianças nesse novo ambiente de convivência. Esse processo não é desprovido de luta, de enfrentamento muitas vezes doloroso por parte das crianças e da família, por isso quanto mais organizada, compartilhada for a rotina, mais estável e segura será para as crianças que ingressam pela primeira vez no contexto da educação infantil. Essa inserção, por vezes mais demorada para alguns, pode ter efeitos positivos ou não na vida escolar futura de cada criança.

Abordagens metodológicas e a construção das informações

Como nossa busca concisa se deu em razão de querer verificar como é organizada e concretizada a rotina na educação infantil no momento em que as crianças tem os primeiros contatos com a pré-escola, priorizamos nossa compreensão a partir desse evento, captando assim como um grupo de crianças do maternal vivenciam o cotidiano escolar, seus medos, anseios e suas formas de interação nesse novo ambiente.

Por sua natureza complexa procuramos nos pautar em uma perspectiva qualitativa que não se fundamenta em idealização quantificáveis e nem é um trabalho que se realiza na subestrutura dos objetos descritos e assim descreve com precisão a compreensão do fenômeno estudado em varias dimensões, humanas e sociais (FAZENDA, 2008).

Nesse sentido, um olhar fenomenológico foi impetrado, com intuito de perceber e interpretar o mundo através da consciência do sujeito estabelecida com base em seus conhecimentos, sentimentos e ações. O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido, a experiência, a subjetividade e a intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2004).

A pesquisa envolveu o método de procedimento estudo de caso, “cujo propósito é o de estudar características, de uma população. Eles são selecionados porque se acredita que, por meio deles torna-se possível aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem” (GIL, 2009, p. 139). O que nos permitiu selecionar um centro educacional infantil da rede pública do município de Parintins/AM, que atualmente atende 443 crianças nos turnos matutino e vespertino, que se encontram matriculadas nas seguintes modalidades: Maternal I (crianças de 03 anos de idade); I Período (crianças de 04 anos de idade) e II Período (crianças de 05 anos de idade), para que pudéssemos compreender como as crianças vão inserindo nesse novo contexto relacional.

Os sujeitos da pesquisa ora envolvidos no campo pesquisado foram às crianças da Educação Infantil, precisamente 20 (vinte) crianças do maternal, na faixa etária de 03 anos. Destas, selecionamos um grupo de 04 (quatro) crianças que demandaram maior tempo de “adaptação” ao ambiente escolar para melhor perceber suas formas iniciais de interação, suas percepções e desafios enfrentados neste espaço diferenciado do ambiente doméstico.

Os instrumentos de coleta e registros de dados constituíram-se em observação direta, direcionada para as realizações das crianças imersas no cotidiano da escola, dos seus fazeres e das relações interacionais entre seus agentes, mais propriamente das crianças que tinham maiores dificuldades em adaptar-se à rotina estruturada para ela. Quanto a isto (LUDKE & ANDRÉ, 1986) destacam que o observador acompanha *in locus* as experiências diárias do sujeito, na busca por apreender o significado que eles atribuem a realidade que os cerca a partir das próprias ações.

Associado a isso realizamos as entrevistas semi-estruturadas, elaboradas a partir de um roteiro, que foram aplicadas a 04 (quatro) pais, das 04 (quatro) crianças alvo de nossa pesquisa, a professora da turma e o diretor da escola onde puderam nos fornecer informações relevantes, pois, por meio delas, fomos capazes de captar com maior precisão aquilo que na observação, nas rodas de conversas não puderam nos fornecer, ou seja, as expectativas dos

(83) 3322.3222

país sobre as vivências das crianças mediante o novo ambiente. Bem como a professora da turma e o diretor da escola planejam e organizam esse momento inicial ao receberem as crianças e as famílias.

Segundo Minayo (1998, p.64) “a entrevista semi-estruturada, que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.” Tem como objetivo adquirir respostas precisas, obedecendo aos critérios do objetivo da pesquisa e o procedimento social e ético.

A fim de, ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o modo como se sentem e percebem o ambiente escolar, seus medos, anseios e suas aspirações, assumimos a entrevista por meio de rodas de conversa, o que prevaleceu o bom senso de conduzir as conversas conforme os interesses das crianças, que no caso aconteceu no momento em que contávamos uma história na “rodinha”. Trazer o discurso das crianças para o contexto da pesquisa é uma forma de legitimar sua participação nos estudos *sobre* e com *elas* (KRAMER, 2002).

Nesse percurso tivemos como apoio instrumentos como caderno de campo, máquina fotográfica e rádio gravador, que nos permitiu registrar o que havíamos proposto investigar, para que posteriormente pudéssemos analisar e refletir as ações estabelecidas no ambiente. Visto que, um trabalho de pesquisa utilizando esses instrumentos, tornam-se vigorosos e potentes instrumentos para resguardar a memória e de construir a subjetividade (KRAMER, 2002).

A pesquisa se desenvolveu por etapas. A primeira etapa correspondeu ao levantamento da literatura sobre a temática em questão, seguida de estudos e análises. Para esta etapa selecionou-se livros, revistas, artigos impressos em formato digital, na busca concisa do referencial teórico.

A segunda etapa se referiu à pesquisa de campo, com acompanhamento em sala de aula desde os primeiros dias do ano letivo escolar, foi nesta fase que se coletou os dados por meio da observação direta, direcionada para interação do pesquisador com as crianças imersas no cotidiano da escola, dos seus afazeres e das relações interacionais entre seus agentes, mais propriamente das crianças investigadas. A terceira etapa desta pesquisa deu-se o processo de sistematização, análise e interpretação dos resultados coletados na pesquisa de campo.

Os resultados ora apresentados demandou um processo de organização pensada a partir de nossos objetivos os quais nos deram subsídios para a construção das análises interpretativas acerca das percepções enunciadas pelos sujeitos enfocados na pesquisa. Visando, dessa maneira, compreender como as crianças percebem e se inserem no contexto

pré-escolar, como suas relações interacionais vão sendo ampliadas e como a rotina organizada na instituição pode colaborar nesse processo de inserção da criança.

Compartilhando os resultados da pesquisa

No primeiro dia de aula, logo na chegada, desde muito cedo e, entre um portão e outro já observávamos a presença de algumas crianças acompanhadas pelos familiares, com semblantes de ansiedade, de curiosidade e inquietação esperavam pela abertura dos portões que ainda mantinham-se fechados, o que aguçava ainda mais as expectativas das crianças sobre o que encontrariam na escola. Mãozinhas firmes nas grades do portão, e o olhar fixo em direção aos espaços internos da escola, nos questionávamos, o que passava pela cabeça daquelas crianças? O que elas esperavam encontrar naquele ambiente? Como seria estar no lugar delas?



Figura 1: Crianças a espera da hora de entrada.
Fonte: COSTA, 2015.

A escola não tinha preparado uma decoração especial para o primeiro dia de aula, salvo algumas tiras de tecido que envolviam as colunas na área externa. Embora tivesse um sistema de som, este não fora acionado neste momento. Os professores geralmente ficavam posicionados na porta das salas esperando a chegada das crianças e dos responsáveis que adentravam às salas acompanhando seus filhos.

Frequentemente pudemos observar despedidas carinhosas dos responsáveis ao deixarem as crianças nas salas de aula. Um beijo no rosto, um abraço, um toque de afeto, mãos nos rostos das crianças e olhar firme como quem quer transmitir segurança, ou seja, postura de quem quer dizer “fica tranquila... está tudo bem, mais tarde eu retorno”. Ações que nos pareciam complementar as orientações dadas em casa.

Na tentativa de compreender as expectativas em torno desse momento nos dirigimos à sala de aula para nossas observações acerca das reações e relações entre as crianças, a postura da docente, a forma de organização ou sequência didática da rotina como parte de um projeto que visa inserir a criança nesse espaço social.

O momento inicial, em primeira instância nos pareceu confuso e conflituoso. Os pais adentraram de uma só vez no espaço da sala de aula, congestionando todo o ambiente o que causou muito tumulto. A professora não sabia se recepcionava os pais ou se acalmava as crianças que choravam muito. Ora recebia os materiais escolares, ora improvisava um crachá em E.V.A com os nomes das crianças na tentativa de identificá-las posteriormente. No decorrer desse momento ela entregava as carteirinhas de identificação escolar aos pais e responsáveis, onde ao retornarem deveriam apresentar à professora para receberem as crianças ao término das atividades.

Após esse momento perguntamos à uma mãe, o que ela sentiu ao deixar sua filha pela primeira vez na escola, a que nos respondeu: *“Nossa! eu fiquei emocionada [...] mas dá um dó no meu coração de deixar ela na escola [...] foi esse sentimento que eu tive, de tristeza”* (Registro de Campo, 2015).

A partir do depoimento da mãe foi possível percebermos que a inserção de uma criança pequena na escola, afeta tanto a criança quanto a família. Campos e Rosemberg (2009, p. 1) resumizam que “infelizmente, existe ainda a crença que o ideal e o “normal” para a criança é que ela seja cuidada pela mãe”. Esse pensamento, por vezes dominante, alimenta o sentimento de culpa por parte dos pais em relação a seus filhos, e dificulta ainda mais a separação dos pais com a criança.

Após o momento de recepção, os responsáveis retiraram-se da sala de aula, percebemos que algumas crianças se despediram chorando. Na tentativa de acalmá-las a professora improvisou sobre o chão da sala várias peças de blocos lógico dizendo a elas: *“venham brincar com o “monta-monta”*

Posteriormente exibiu um vídeo da “galinha pintadinha”, “Pepa”, entre outros. Entretanto as estratégias fomentadas pela professora no decorrer das atividades não contribuíram muito para proporcionar estabilidade emocional e confiança às crianças, pois permaneciam chorando, não aceitavam se integrar nos grupos. Elas demonstravam medo, ansiedade principalmente quando ouviam o barulho do trancar da porta pela professora, assim que os responsáveis saíam. A figura da professora empunhando os braços sobre a porta levava as crianças ao desespero, batiam-na, apedrejavam os brinquedos, seus sapatos e bolsa pela

sala. Além de chorarem muito se jogavam sobre o chão, onde ficavam alguns minutos deitados.

Por estarem vivenciando novas experiências e relações de convivências, por vezes intempestivas, frustrantes, a escola poderia promover um momento de aceitação menos traumático quando, por exemplo, se organiza um passeio pela escola como estratégia para minimizar o impacto da criança com o contexto escolar e a sensação de estar presa na sala de aula.

Nessa direção a escola não se tornaria lugar de sensações negativas, lugar de clausura, é preciso sim ser lugar de liberdade, promover a interação social, não de qualquer maneira, nem a qualquer custo é preciso que a criança sinta prazer em frequentá-la. O ambiente escolar precisa ser pensado e organizado de maneira diversificada, de modo que essa nova etapa na vida das crianças possa ser construída de maneira mais estável e segura para ela e sua família.

No decorrer de nossa pesquisa percebemos que a mesma repete diariamente as atividades anteriormente mencionadas, intercalando-as a outras atividades como: hora da merenda, ida ao banheiro para a higienização e atividades extraclasse, somente entre um dia e outro desenvolve atividades diferenciadas, como por exemplo, a hora do descanso, da massinha e da rodinha.

A rotina não pode ser entendida como uma amarra, mas como uma oportunidade de aprendizagem, de acolhimento e construção de novas relações sociais para a criança. O professor deve refletir sobre a construção desse planejamento, pois, de acordo com Proença (2004, p. 13):

A rotina estruturante é como uma âncora do dia-a-dia, capaz de estruturar o cotidiano por representar para a criança e para os professores uma fonte de segurança e de previsão do que vai acontecer. Ela norteia, organiza e orienta o grupo no espaço escolar, diminuindo a ansiedade a respeito do que é imprevisível ou desconhecido e otimizando o tempo disponível do grupo [...].

A rotina enquanto estruturante no processo de organização do trabalho pedagógico no cotidiano da educação infantil, quando planejada permite flexibilizações por lidar com ações imprecisas, para que melhor possa atender as necessidades das crianças no decorrer do processo. Ela organiza as ações antecipando às crianças o que vem depois, ou seja, após a chegada, vem a roda de conversa, em seguida a marcação de cartazes (do nome, do tempo, etc.), são estas previsões que fazem as crianças sentirem-se confiantes de que estão temporariamente sob os cuidados do professor.

Apesar de uma rotina aparentemente pensada pela professora, não havia um plano de aula que pudesse guiar as atividades, ao menos um caderno que nos fosse apresentado como planejamento, exceto quando a professora titular teve que se ausentar por dois dias, e a turma ficou à cargo de uma professora auxiliar.

Esse momento foi profícuo para que pudéssemos dar seguimento à nossa pesquisa, foi então que tivemos um pouco de liberdade para conversar com as crianças e ouvi-las de maneira mais precisa a partir da exploração da historinha “Os três porquinhos”, onde a mesma nos solicitou que compartilhássemos da atividade, criando um clima propício por se tratar de crianças pequenas.

Torna-se importante ressaltar que uso do conto foi para que as crianças se sentissem à vontade para falar e que a história não levou em conta nenhum cunho moral com pretensão de dar lição, mas apenas de aproximação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.



Figura 2: Momento da historinha “Os três porquinhos”.
Fonte: COSTA, 2015.



Figura 3: Interação com um grupo.
Fonte: COSTA, 2015.

Assim aproveitamos para indagar as crianças sobre como se sentem na escola, logo, nos responderam: “*é legal*”, “*a gente merenda*”, “*brinca e assiste vídeo*”, “*lava a mão*”. Posteriormente nos aproximamos das crianças que compunham o grupo a qual selecionamos para maior aprofundamento das suas percepções e aproveitamos para instigamos um pouco mais as crianças, sobre como se sentiam na escola, logo M. A. (03 anos) responde: apontando para o colega S. (03 anos) “*ela chora na escola*”. H.E. (03 anos) retruca mostrando nos dedinhos “*eu vou fazer amanhã 03 anos, a mamãe falou que não pode chorar na escola, porque já sou mocinha*”, M. A. retoma a fala “*a minha falou que é falta de educação chorar na escola*”.

Nesse momento S. (03 anos) uma das crianças que mais demandou tempo para adaptação e que chorava, repetidas vezes dizia: “*eu não choro, eu não choro... é o J. V. que chora*”. J. V. (03 anos) na tentativa de fugir do assunto, visto que era uma das que crianças

(83) 3322.3222

que chorava a tarde toda a ausência do pai se levantou e saiu correndo dispersando todos da roda falando repetidas vezes: “*ela é que chora na sala, na sala, ela é que chora na sala de aula...*”, e logo todos também saem correndo atrás, falando a mesma coisa. S. por outro lado falava varias vezes na tentativa de defender-se do que o colega e os demais falavam sobre ela, assim dizia: “*não professora eu não choro na sala, eu não choro na sala de aula ele é que chora*”.

Nesse entendimento, percebemos que os modos de inserção da criança na Educação Infantil passa pela compreensão da criança como sujeito concreto, vulnerável as emoções que remetam a certo abalo afetivo quando separada de seu ambiente, mas ao mesmo tempo são potencialmente capazes de relacionar-se com o mundo a sua volta. Nesse sentido a rotina na educação infantil deve ser tempo e espaço para propiciar as crianças vivenciarem práticas educativas respaldadas em novas experiências de socialização em interação, a partir de ambientes favorecedores que permitam a elas assegurar o dia a dia sem cair na inalterabilidade.

Reconhecendo a importância ressaltada acima, solicitamos ao diretor que falasse um pouco sobre como a escola se organiza para receber as crianças e seus familiares, assim nos esclarece:

Através de ações que partem de decisões de todo o corpo docente do educandário, ações estas que visam o bem estar dos alunos e acima de tudo que possam trazer seus familiares para o convívio da escola, tendo-os como parceiros no processo ensino-aprendizagem” (Diretor da escola, 2015).

A escola enquanto universo de comunicação interpessoal necessita considerar a família como elo no fortalecimento da convivência, firmando um relacionamento de colaboração, não tão somente no processo de ensino e aprendizagem das crianças, mas também no favorecer gradativo de sua inserção na pré-escola, principalmente ao ingressam pela primeira vez no contexto da pré-escola.

Direcionando a compreensão acerca dessa importância, perguntamos a professora o que é a rotina na educação infantil, ela é importante e por quê? Assim menciona:

A rotina é a alma da sala de aula da educação infantil [...] Agora porque que tem que ter essa rotina, porque em casa a criança tá acostumada num ambiente muito solto [...]na escola a rotina significa que pra todas as atividades que são propostas existe um horário então essa significa a rotina da criança [...] (Professora, 2015).

Não é possível conceber a rotina na educação infantil como um tempo a-cultural, que não cria e nem recria o dia-a-dia, a rotina não é repetição, tampouco deve configurar-se meramente disciplinadora do comportamento infantil (KRAMER, 2006). Nessa direção à

rotina na educação infantil deixa de contribuir na construção da identidade da criança e social que a cerca, bem como não auxilia na organização e nem na valorização do tempo da criança na pré-escola.

Entretanto, é preciso valorizar a educação da criança pequena a partir de suas peculiaridades, pois conhecer suas peculiaridades ou diferença implica atentar para as necessidades físicas, cognitivas, sociais e afetivas como condição para o seu desenvolvimento. A família enquanto parte integrante nesse processo necessita também assumir sua responsabilidade sobre essa importância, assim como o processo de ensino aprendizagem de seu filho(a) para que possa contribuir na construção do conhecimento da criança tanto quanto a escola.

CONCLUSÕES

Nessa pesquisa, procuramos refletir acerca da rotina na educação infantil com meio de inserção das crianças nas relações sociais, enfatizando a especificidade da pré-escola como lugar de vivências e experiências múltiplas em interação. No entanto, para compreendermos esta análise, foi necessário primeiro fazer um levantamento teórico, e posteriormente refletir sobre a definição do que seria rotina, para que pudéssemos compreender o cotidiano vivido no contexto da Educação Infantil.

Nesse sentido, a pesquisa de campo tornou-se fundamental para partilhar saberes entre os profissionais que atuam na pré-escola, os pais e responsáveis das crianças, bem como das crianças e pesquisador. Assim fomos construindo este trabalho, como fruto de um processo de indagação, parcerias e percalços, carregado de desafios, constantes reelaborações, mas agora configura-se em um significativo estudo construído com a participação das crianças, não tão somente *sobre elas mais com elas*.

Nesse contexto a organização e concretização da rotina no momento que as crianças têm os primeiros contatos com a pré-escola partem de ações planejadas por todo corpo docente, visando o bem estar das crianças e de sua família, esta gradualmente se inserir como parceira nas ações da escola.

O primeiro contato vivenciado pelas crianças com o cotidiano escolar é um momento que afeta algumas delas, pois é a primeira experiência de “separação” da família, o sentimento de desligamento era mais forte. A criança se sente como se tivesse sido arrancada da família, por isso demonstram medo, apatia ao que acontece ao seu redor, rejeitam o que lhe dar a sensação de desconforto no novo ambiente de convivência.

Partindo desse princípio evidenciamos durante o processo de pesquisa algumas ações que facilitavam as relações sociais das crianças nesse contexto como, por exemplo: hora da

massinha, da rodinha, do descanso, ida ao banheiro e algumas atividades extraclasse como o Momento Literário. Todavia as ações dificultadoras das relações sociais das crianças evidenciadas foram a falta de aproximação (afetiva) da professora em relação a elas, o que poderia ter proporcionado estabilidade e segurança emocional, o que dificultou a inserção de maneira mais estável, configurando-se em recusa como sinônimo de tortura para algumas delas.

Porém, o que este estudo nos permite antecipar é que suas relações sociais com o novo grupo vão sendo ampliadas gradativamente e quando a rotina é bem organizada, quando o professor é sensível às expectativas das crianças e de seus familiares há maior possibilidade desse ingresso se constituir em um processo de inserção da criança, ao contrário torna-se um castigo a que a criança é submetida, como se a maldade da família fosse tamanha em deixa-la naquele lugar, que o desespero torna-se uma companhia duradoura.

Sob essas questões os estudos aqui evidenciados sinalizam que enquanto profissionais em serviço, bem como futuros educadores em educação é preciso refletir sobre a rotina no cotidiano da educação infantil, sobretudo deixar claro para a criança como será seu dia, devendo proceder a ações planejadas dentro de um contexto diverso de significados, para que isso possa tornar-se referência para sua prática, traduzindo-se diariamente na ressignificação do seu fazer docente. Para que a perspectiva de acolhimento à criança possa situa-la em relação ao tempo-espço. Desde a chegada, o pendurar das mochilas, a rodinha, a marcação dos cartazes, a hora do lanche, a hora do descanso, a hora dos brinquedos e etc. Tudo precisa ser pensado e compartilhado com as crianças de maneira que se sintam de fato participantes do seu próprio processo de inserção. É nessa perspectiva que a rotina vira de fato um meio de inserção das crianças nas relações sociais e não apenas de adaptação delas na pré-escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. Ed. Brasília. MEC. SEB, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Dificuldades comuns entre os que pesquisam educação. FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 11. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo. Ed. Corsac & Naif, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas 2009.



LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende. A rotina como âncora do cotidiano na Educação Infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 4, p.13-15, 04 abr. 2004.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental.** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 – Especial p. 797-818, out. 2006.

_____. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças.** Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro, n. 116, p. 41-59, junho/2002.

